

# COMPORTAMENTO VERBAL E LITERATURA

Celso Pereira de Sa

UERJ - Psicologia

Dentre as abordagens teóricas contemporâneas em psicologia, o *behaviorismo* — ou *comportamentismo*, como preferem alguns — é provavelmente aquela cujas relações com as atividades literárias e artísticas são as menos exploradas, em nítido contraste, portanto, com o que acontece com a psicanálise. Isso é particularmente verdadeiro no que se refere ao *behaviorismo radical*, corrente desenvolvida por B. F. Skinner, desde 1938, a partir da matriz comportamentista básica, e que atingiu seu apogeu nas décadas de 60 e 70 como talvez o último dos sistemas psicológicos de ambição maximamente abrangente. Atualmente, os behavioristas radicais parecem investir menos no propósito ambicioso de prover uma explicação unificada para todos os fenômenos psicológicos (ou seja, toda e qualquer forma de comportamento), preferindo concentrar seus esforços na exploração rigorosa de campos mais estritamente delimitados, tanto em termos de elaboração teórica e pesquisa básica quanto de desenvolvimento das aplicações práticas de tal conhecimento científico. Não obstante, algumas áreas de atividade social humana — como a literatura e o comportamento político, por exemplo — parecem, pela própria abrangência e diversidade das ações e representações que englobam, compatíveis com (ou, a rigor, exigem) um tratamento behaviorista radical ao seu nível mais flexível e especulativo.

*behaviorismo radical*

Ironicamente, a constituição do sistema de interpretação psicológica com o qual se pretende aqui articular a atividade literária deveu-se, em termos histórico-pessoais, a um afastamento prévio de seu fundador em relação a essa mesma atividade. De fato, tendo se graduado inicialmente em Língua Inglesa, pelo *Hamilton College*, de New York, Skinner descobriu, conforme declarado em um de seus escritos rememorativos<sup>1</sup>, que “apesar de ter aprendido a escrever, não havia aprendido nada sobre o que valesse a pena escrever”, decidindo-se pois a abandonar a literatura e “ingressar na psicologia para suprir aquela

falha". Na verdade, o que Skinner chegou a escrever antes de tomar essa decisão — três contos, de cunho psicológico intuitivo, que mereceram calorosos elogios e incentivos do poeta Robert Frost<sup>2</sup> — prenunciava que ele poderia sim vir a ter coisas importantes a dizer ao longo de uma carreira como literato. Não teria sido, entretanto, aquilo que ele chegou a escrever em função de seu envolvimento com um certo tipo de psicologia; e isto basicamente por haver, em grande parte, trabalhado com animais infra-humanos, como esclarece ele próprio:

"É freqüentemente mencionado que eu me especializei no comportamento de ratos e pombos e comumente implica-se que como resultado disso o meu julgamento sobre as pessoas foi deformado, mas pelo menos sessenta por cento do que eu publiquei foi sobre o comportamento humano. Eu discuti sobre governo, religião, psicoterapia, educação, linguagem, sistemas de incentivo, arte, literatura e muitos outros assuntos humanos. Igualmente, é claro, fizeram milhares de outras pessoas, mas eu não creio que tenha oferecido aos meus leitores apenas uma quantidade a mais da mesma coisa, pois é aí que entram os outros quarenta por cento."<sup>3</sup>

Realmente, a obra inaugural do sistema psicológico de Skinner<sup>4</sup> trata exclusivamente do comportamento animal, sem que se sugira qualquer extensão de suas proposições ao comportamento humano. Isto porque considerava ele, nesse trabalho, que "a importância de uma ciência do comportamento deriva em grande medida da possibilidade de sua aplicação final aos assuntos humanos, mas constitui um sério erro, embora comum, permitir que questões de aplicação última influam no desenvolvimento de uma ciência sistemática em seus estágios iniciais". Assim é que somente dez anos mais tarde surge o primeiro exercício significativo de tal extensão dos princípios comportamentais à vida humana, valendo-se Skinner para isso daquele primeiro ofício que aprendera — o escrever. Trata-se da novela *Walden Two*<sup>5</sup>, que, tendo permanecido doze anos praticamente ignorada pelo grande público, chegou a se tornar enfim um *best-seller* e se manteve desde então bastante procurada. *Walden Two* constitui, junto com o ensaio *Beyond Freedom and Dignity*<sup>6</sup> (também uma produção mais propriamente literária do que científica), a parte da obra de Skinner de maior relevância político-social e, por isso mesmo, a que tem provocado maior repercussão polêmica. É interessante notar que, embora advogue genericamente em ambos os trabalhos o uso de tecnologias supostamente mais eficazes para influenciar as pessoas — ou, em termos mais técnicos, modificar-lhes o comportamento — sua escolha, na situação concreta em que é ele próprio o influenciador, contempla os instrumentos literários.

Por outro lado, esses mesmos instrumentos literários são também objeto da análise comportamental de Skinner, no âmbito de seu

extenso estudo sobre o comportamento verbal. Já em seu primeiro livro, a par do afã de estabelecer as leis gerais do comportamento, Skinner especulava que a investigação do campo verbal provavelmente daria plena conta das únicas diferenças significativas que esperava descobrir entre os comportamentos animal e humano. Desde essa época, empenhou-se em tal tarefa, o que resultou finalmente na publicação, em 1957, de seu livro *Verbal Behavior*<sup>7</sup>, considerado por ele próprio como a vertente mais importante de sua inteira produção científica, dadas suas implicações para uma reformulação behaviorista não só dos fenômenos psicológicos tradicionalmente valorizados sob o rótulo de *pensamento*, mas também dos campos afins da cultura lingüística, das práticas sociais elaboradas e do processo de obtenção ou construção do conhecimento. Infelizmente, uma acirrada disputa teórica no âmbito da psicolingüística fez com que acabasse ficando mais conhecida que o livro de Skinner a resenha crítica dele produzida por A.N. Chomsky<sup>8</sup>, que, no nosso entender, cumpriu apenas uma função panfletária "franca e ativamente desinformativa do alcance real ou potencial das proposições skinnerianas"<sup>9</sup>.

*Verbal Behavior* começa com uma afirmação de sabor nitidamente marxista<sup>10</sup> — "Os homens agem sobre o mundo, modificam-no e, por sua vez, são modificados pelas conseqüências de sua ação" — que é também, conquanto a partir de origens diversas das do marxismo, a síntese da postura behaviorista radical. E, prosseguindo: "Muitas vezes, porém, um homem age apenas indiretamente sobre o meio do qual emergem as conseqüências últimas de seu comportamento; seu primeiro efeito é sobre outros homens". Este é o campo do comportamento verbal, no qual a literatura ocupa um lugar enquanto atividade humana concreta. Na psicologia skinneriana, as conseqüências relevantes do comportamento são aquelas conhecidas como *reforços*, ou seja, mudanças ambientais que retroagem sobre o indivíduo que as produziu no sentido de aumentar (reforçar) a probabilidade de que ele se comporte da mesma maneira em situações futuras semelhantes. É mais ou menos o que se chama popularmente de recompensa, embora o conceito de reforço seja mais abrangente e refinado que isso. No caso verbal, as conseqüências do comportamento de um *falante* são mediadas pela ação de outra pessoa, um *ouvinte*. Ao propor o estudo do comportamento verbal, Skinner estava demonstrando uma preocupação de natureza psicológica fundamental, não presente nas abordagens da lingüística, da lógica, da retórica clássica e da crítica literária; qual seja, a investigação dos fatores determinantes das respostas verbais (em suas formas oral, escrita, gestual, etc.) que atuam no momento mesmo de sua emissão.

A partir da consideração dos elementos básicos de uma análise comportamental — um estímulo antecedente, uma resposta operante (que, emitida espontaneamente, produz conseqüências, *opera* sobre o meio físico e social) e uma conseqüência reforçadora — e suas relações, Skinner estabeleceu, após exaustivos registros de atos verbais

cotidianos e inúmeras passagens literárias, seguidos de codificações tentativas, combinações e reformulações, algumas novas categorias de operantes, especificamente verbais. Uma de tais categorias, o *mando*, é determinada por alguma forma de privação ou estimulação aversiva que pode vir a ser satisfeita/eliminada pelo ouvinte, desde que este tenha sido assim condicionado a fazê-lo. A propósito, a condição de que o ouvinte esteja respondendo de uma forma já condicionada precisamente com o fim de reforçar o comportamento do falante é válida também para as demais categorias, pois é o que as caracteriza como verbais dentro do campo mais inclusivo do comportamento social. É preciso apenas acrescentar-se a isso a possibilidade de que um falante se torne seu próprio ouvinte, para explicar uma ampla gama de sutilezas inerentes ao comportamento verbal, como, por exemplo, os comportamentos do escritor e do leitor de literatura. Três outros operantes verbais — o *ecóico*, o *textual* e o *intraverbal* — são colocados, em função de um processo de reforço generalizado, sob o controle de estímulos verbais antecedentes. Os casos *ecóico* e *textual* são bastante triviais, na medida em que a resposta gerada guarda uma estreita semelhança com a estimulação oral ou escrita controladora. No *intraverbal*, entretanto, as respostas não apresentam uma correspondência ponto a ponto com os estímulos verbais que as evocam, dando assim conta do comportamento do falante em uma conversa ou em sua “cadeia de pensamentos”, por exemplo. Outra categoria, o *tacto*, encontra-se, por seu turno, sob o controle de estímulos não-verbais; ou seja, é o operante verbal pelo qual se estabelece *contacto* com o mundo físico, agindo aí o falante principalmente em benefício do ouvinte, que, por isso, o reforça. Certamente, o esquema de análise skinneriana não se esgota no estabelecimento dessas categorias, mas envolve, além da sua diversificação em subcategorias, a consideração de variáveis controladoras especiais, como o *auditório*, e de processos de manipulação do comportamento verbal pelo próprio falante, como o chamado *autolítico*, a composição e a correção.

Idealmente, seria preciso, para a elucidação de qualquer episódio de comportamento verbal, levar em consideração todos os tipos de variáveis ambientais controladoras e as histórias de condicionamento do falante e do ouvinte, assim como a inter-relação, frequentemente causal, das diversas categorias verbais envolvidas no episódio. Tal empresa se afigura, entretanto, praticamente proibitiva, como chega a reconhecer-lo o próprio Skinner, ao enfatizar a *causação múltipla* característica do comportamento verbal, o que incluiria, entre outros fatores, as experiências de reforço do falante (ou escritor) e do ouvinte (ou leitor), privações e condições aversivas presentes, estimulação verbal e não-verbal momentâneas, natureza do auditório e competição entre diferentes auditórios, etc. Nesse sentido, assim se posiciona Skinner com relação à acessibilidade do *pensamento*, o foco su-

postamente autônomo privilegiado em outros tipos de análise da produção verbal humana:

“... é uma consequência salutar aceitar o fato de que os pensamentos dos grandes homens são inacessíveis a nós hoje. Quando estudamos grandes obras, estudamos o efeito *sobre nós* dos registros remanescentes do comportamento das pessoas. É o *nosso* comportamento com relação a tais registros que observamos; nós estudamos o *nosso* pensamento e não o deles.”<sup>11</sup>

Não obstante, é possível sim extrair da obra de Skinner interessantes interpretações behavioristas, conquanto assistemáticas ou fragmentárias, dos processos de ordem eminentemente psicossocial em que se envolvem o autor literário e seu leitor. Para isso, é preciso considerar, antes de mais nada, que suas atividades não consistem essencialmente no uso de palavras ou de algo como a linguagem, nem tampouco na comunicação de significados ou estados pessoais (no sentido de torná-los comuns a um emissor e um receptor), mas sim na produção de efeitos comportamentais pelo falante sobre o ouvinte, e vice-versa (conquanto de natureza distinta). Nesse sentido, a literatura constitui o produto de uma prática verbal especial, em que os efeitos que a estabeleceram e a mantêm simplesmente diferem daqueles responsáveis por outras práticas verbais, como, por exemplo, o comportamento verbal científico.

Na caracterização da prática literária, cabe distinguir entre dois tipos de comunidades verbais — a especializada e a leiga — cujas respectivas retroações dos diferentes efeitos sobre elas produzidos pela literatura contribuem para a *modelagem* (evolução, diversificação temática e estilística, etc) dessa mesma prática. O seguinte comentário de Skinner acerca da crítica literária demonstra bem a importância que atribui aos efeitos diferenciais em sua análise comportamental do campo:

“Quando um crítico relê um poema ou um romance muitas vezes, ele não é mais capaz de reagir a eles como um leitor ingênuo. Portanto, não é mais capaz de julgá-los em seus efeitos originais como obra de arte. Aquilo que ele tem a dizer sobre o romance ou o poema só pode ser compreendido por quem esteja disposto a relê-lo um número de vezes suficiente para gerar o mesmo conjunto de condições.”<sup>12</sup>

A fim de ilustrar as implicações práticas da abordagem skinneriana para o ofício do escritor, parece principalmente interessante focalizar as relações entre este e seu leitor ingênuo. Assim, um relevante benefício social proporcionado por tal ofício é ressaltado por Skinner, ao afirmar que “a literatura é o produto de uma prática verbal espe-

leitor como ouvinte  
e falante

cial, que faz surgir um comportamento que, de outra forma, permaneceria latente no repertório de muitos falantes<sup>1,3</sup>. São diversas as razões pelas quais um leitor pode precisar ser auxiliado por um texto, no sentido de vir a emitir um comportamento verbal adequado (leia-se, passível de reforço); estas vão desde a simples falta de oportunidade (por exemplo, a ausência de um auditório apropriado) até uma reduzida força ou prontidão verbal ou os efeitos persistentes da punição prévia de certas respostas verbais. Embora o leitor funcione como um ouvinte (em sua função reforçadora conseqüente) ou um auditório (em sua função discriminativa antecedente) em relação à emissão do comportamento verbal pelo escritor, ele é também por si só, enquanto engajado *intraverbalmente* na leitura do texto, um falante potencial e seu próprio ouvinte reforçador. Diz Skinner: "Um leitor procura outras obras de um dado escritor, ou outra literatura de certo tipo por causa do reforço que recebeu; o reforço depende de seu próprio comportamento verbal". E, esclarecendo: "... é provável que nossa apreciação advenha, em larga escala, do fato de a obra literária dizer aquilo que nós, leitores, somos inclinados a dizer"<sup>14</sup>. Isto não significa, entretanto, que o escritor simplesmente diz o que o leitor já esperava que ele dissesse. Ao contrário, o escritor, através dos chamados artifícios de estilo, empreende ativamente uma preparação antecipada das respostas do leitor. Ou, mais uma vez, para finalizar, nas palavras do próprio Skinner:

"O escritor brinca de gato e rato com a força verbal do leitor — desenvolvendo-a, permitindo que ela se enfranche, mantendo-a latente (...) ou exaurindo-a subitamente com uma observação apropriada. A 'frase feliz' não é a que expressa bem uma coisa (...), mas é uma frase que se adapta exatamente às atuais tendências verbais do leitor. (...) *Le mot just* não é a palavra que melhor descreve algo fora do contexto, mas a palavra para a qual estamos excepcionalmente bem preparados por tudo quanto a antecede. (...)

Admite-se geralmente, de acordo com as concepções tradicionais do comportamento verbal, que num trabalho literário há apenas dois elementos: a forma e o conteúdo. (...) Mas, obviamente, há algo mais na boa literatura, (...). Já se disse que esse algo mais decorreria de uma sutil conexão entre forma e significado, mas o mais provável é que esse algo mais decorra da maneira pela qual o comportamento do leitor é preparado ou liberado por um texto."<sup>15</sup>

## NOTAS

1. SKINNER, B. F. Ciertas respuestas al estímulo 'Pavlov'. In: \_\_\_\_ *Registro acumulativo*. Barcelona, Fontanella, 1975.

2. Apud GEISER, R. L. *Modificação do comportamento e sociedade controlada*. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
3. SKINNER, B. F. Are we free to have a future? In: \_\_\_\_ *Reflections on behaviorism and society*. Englewood Cliffs, Prentice-Hall, 1978.
4. SKINNER, B. F. *The behavior of organisms*. New York, Appleton-Century-Crofts, 1938.
5. SKINNER, B. F. *Walden Two*. New York, Macmillan, 1948.
6. SKINNER, B. F. *Beyond freedom and dignity*. Middlesex, Penguin, 1971.
7. SKINNER, B. F. *Verbal behavior*. Englewood Cliffs, Prentice-Hall, 1957.
8. CHOMSKY, A.. Review of B. F. Skinner's 'Verbal behavior'. *Language*, 35 (1), 1959.
9. SA, C. P. Sobre o comportamento verbal de Chomsky em sua resenha do 'O comportamento verbal' de Skinner. *Forum Educacional*, 6 (1), 1982.
10. Observação da Prof. Silvia T. M. Lane, PUC-SP.
11. SKINNER, B. F. *Verbal behavior*. Englewood Cliffs, Prentice-Hall, 1957.
12. Id. *ibid.*
13. Id. *ibid.*
14. Id. *ibid.*
15. Id. *ibid.*